

FALTAM **6** EDIÇÕES  
PARA O NÚMERO 1000

# PLACAR

**SUPERPOSTER DO  
TRICOLOR  
CAMPEÃO**



N.º 994 7/JULHO/1989 NCz\$ 2,50

Nelsinho,  
o único campeão  
das cinco  
campanhas,  
levanta mais  
um caneco



**COPA AMÉRICA**

**A SELEÇÃO NA  
MARCA DO PÊNALTI**

**HOMENAGEM**

**O POEMA DE  
PAULINHO CRICIÚMA  
PARA O BOTAFOGO  
CAMPEÃO**

**DUNGA**

**"A SELEÇÃO PRECISA  
JOGAR MAIS DURO"**

**Gisele Giacom**

**O CHARMOSO  
ANJO DA GUARDA  
DOS PILOTOS**

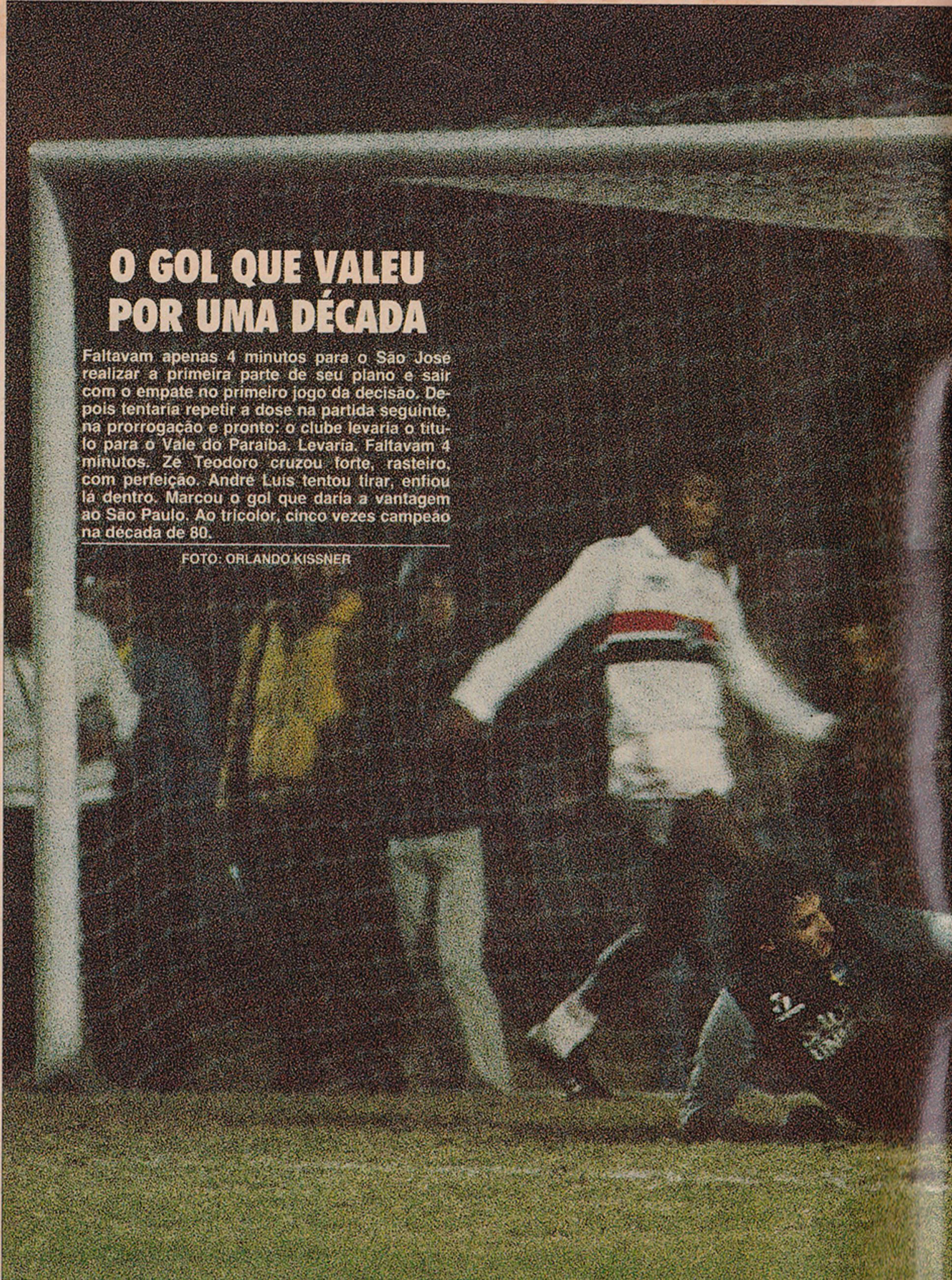


**OS ANOS 80  
SÃO PAULO**

## **O GOL QUE VALEU POR UMA DÉCADA**

Faltavam apenas 4 minutos para o São José realizar a primeira parte de seu plano e sair com o empate no primeiro jogo da decisão. Depois tentaria repetir a dose na partida seguinte, na prorrogação e pronto: o clube levaria o título para o Vale do Paraíba. Levaria. Faltavam 4 minutos. Ze Teodoro cruzou forte, rasteiro, com perfeição. André Luis tentou tirar, enfiou lá dentro. Marcou o gol que daria a vantagem ao São Paulo. Ao tricolor, cinco vezes campeão na década de 80.

FOTO: ORLANDO KISSNER







Raí, Gilmar e Nelsinho carregam a quinta taça são-paulina desde 1980: resultado que premia o trabalho do time mais bem estruturado

SILVIO PORTO

# A SAGA DOS CAMPEÕES

*Invejável rotina. O clube mais bem estruturado do futebol paulista arrebatou seu quinto título nesta década e comemora a façanha com a naturalidade típica dos que sabem ganhar porque sempre ganham.*

"Parabéns", estendeu a mão polidamente o torcedor vestido de vermelho, preto e branco. "Obrigado", retribuiu o gesto o amigo. "No ano que vem a gente volta para buscar outra taça." Aparente frieza, domingo, depois do 0 x 0 com o São José e a conquista do campeonato é o escárnio maior dos são-paulinos sobre os adversários. Afinal, nada irritou mais a corintianos, palmeirenses ou santistas do que a forma natural, rotineira mesmo,

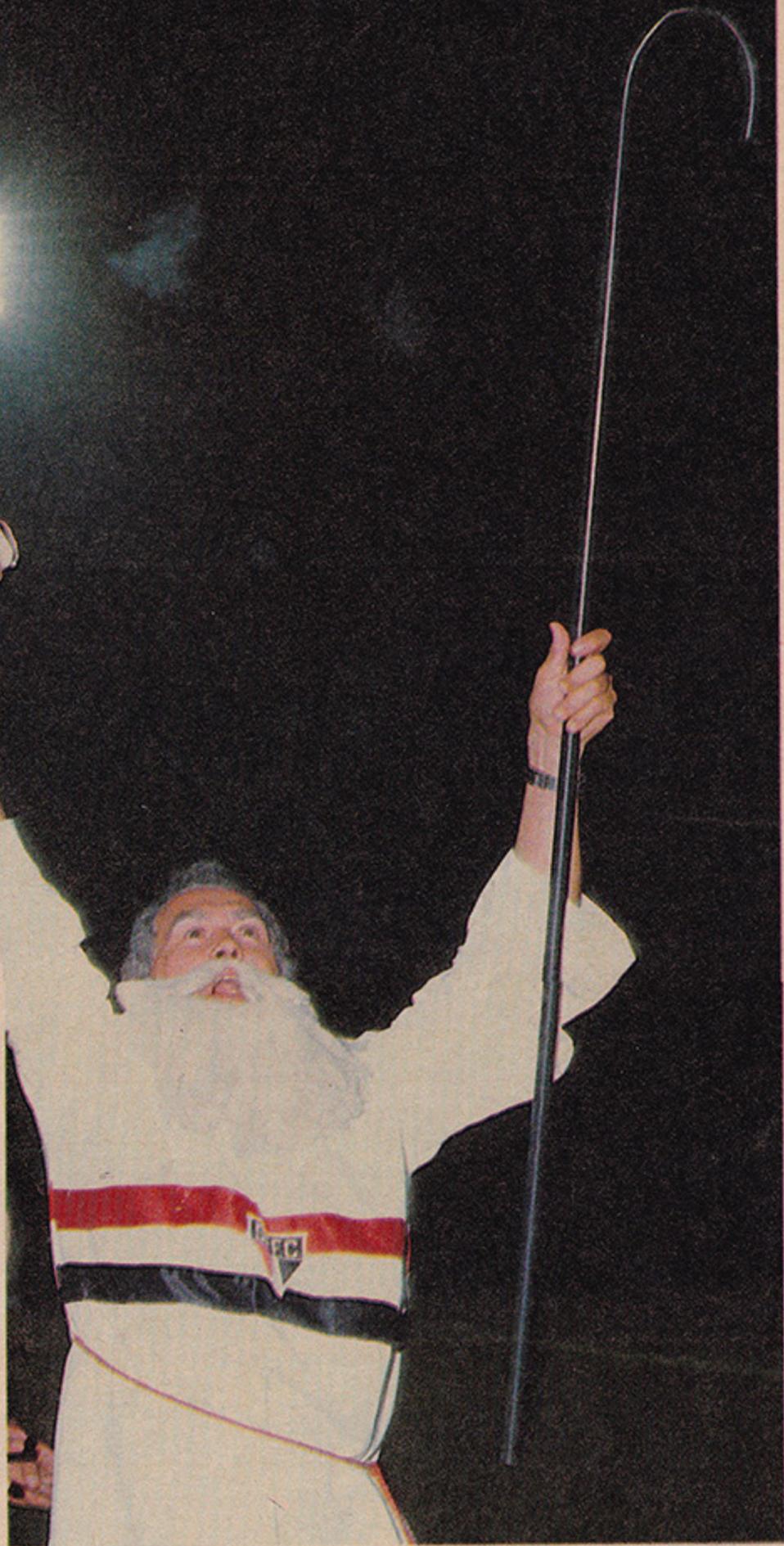
como foi recebido o quinto título estadual do São Paulo destes anos 80 (veja quadro na página 7). Uma faixa que, para desespero dos rivais — e êxtase interior de sua torcida —, eleva o tricolor ao time da década nos campos paulistas.

E foi dentro do gramado do Morumbi que não faltou vibração, quando o juiz José de Assis Aragão apitou o final da partida. Feito garotos desacostumados com as vitórias, o goleiro Gil-

mar, o ponta Edivaldo, o preparador físico Bebeto de Oliveira e o ex-presidente Miguel Aidar correram para abraçar o principal responsável pela conquista: o técnico Carlos Alberto Silva. Entre o emaranhado de abraços e gritos ininteligíveis, o treinador chorou. "Foi o campeonato mais difícil que ganhei", admitia depois o homem que em vinte anos de carreira levantou doze títulos.

"Comecei a década conquistando o Campeonato Paulista pelo

São Paulo e fecho os anos 80 com a mesma glória pelo mesmo clube", constatava Carlos Alberto Silva, que assumiu a equipe no início do segundo turno classificatório — casualmente, contra o próprio São José. Em exatos 78 dias, o treinador mudou a cabeça do grupo de jogadores. "Cilinho não estava mais conseguindo unir o pessoal", reconhece o zagueiro Adílson, que na final colocou de lado suas lembranças para superar seu time de infância.



*Zé Teodoro (à esq.) vibra com o gol na primeira final, que assegurou a alegria do goleiro Gilmar*

De peças como esta que o destino pregou no defensor são-paulino, a decisão esteve recheada. O próprio Carlos Alberto Silva vence o Campeonato Estadual mais concorrido do Brasil justamente no momento que Sebastião Lazaroni, seu substituto na Seleção, atravessa a maior

crise. "Sou um homem predestinado", confessa Carlos Alberto. "As coisas sempre me acontecem na hora certa", completou, dissimulando os rumores de sua volta à CBF.

No mesmo trem das recuperações pessoais embarcam jogadores como o quarto-zagueiro Ricardo e o meia Vizolli. Com o passe vinculado ao empresário Juan Figer, Ricardo sonha com a contratação em definitivo pelo São Paulo. "Foi a melhor coisa ▷

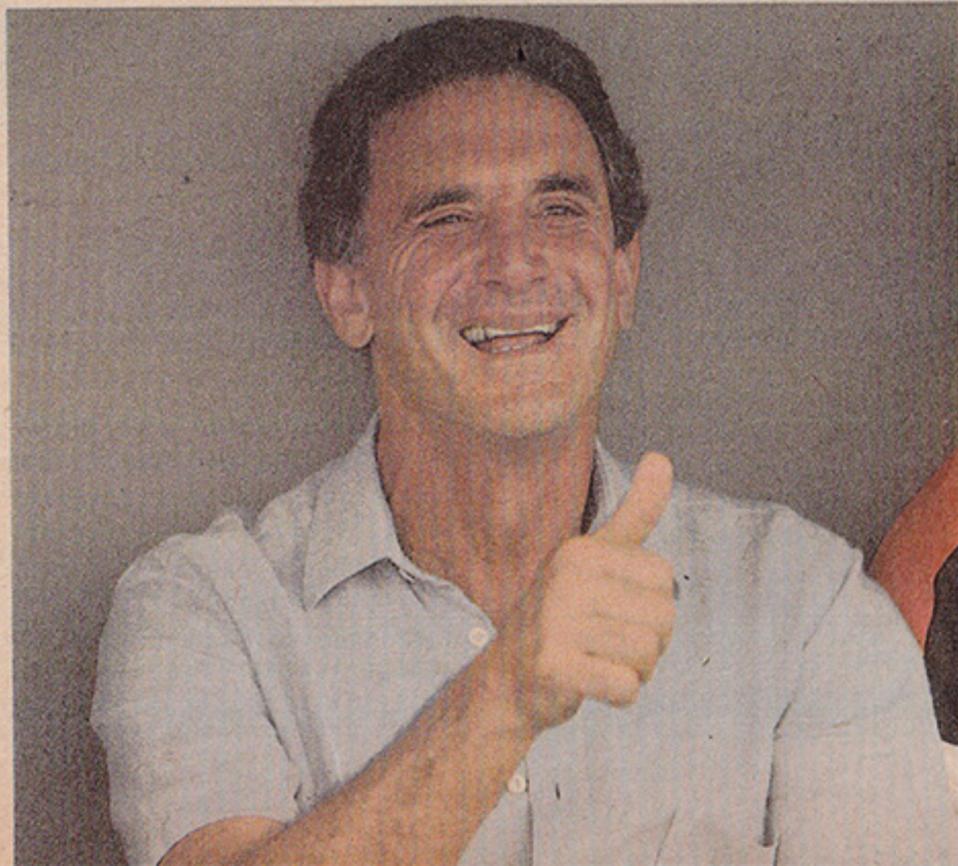


ORLANDO KISSNER

O meia Rai vence a marcação rigorosa do adversário: o empate que garantiu as faixas de campeão refletiu as dificuldades da decisão

que me aconteceu no futebol”, diz o jogador, que penou durante nove meses no Sporting, de Portugal, enredado nos problemas político-econômicos do time. Exibindo o mesmo futebol seguro e imponente, ele devolveu a tranquilidade à defesa tricolor, que não tomou um único gol a partir das semifinais contra o Bragantino.

Já Vizolli ressuscitou depois de um empréstimo de seis meses no Japão. “Minha salvação foi Carlos Alberto Silva”, assegura o volante que um dia desembarcou no Brasil, treinou um pouco e logo foi colocado na fogueira pelo treinador num clássico contra o Corinthians. “Não tinha outro”,



NELSON COELHO

justificou o técnico. Apesar da derrota de 2 x 0, o volante agradeceu ao se mostrar um marcador insaciável. “Coloquei na cabeça que, antes de tudo, precisava ser um valente”, conta. “Sem medo de colocar a perna numa dividida mais dura.”

Mas a regra no São Paulo campeão é a de distribuir os louros da vitória. E sobrou até para a providência divina. “Vencemos graças a Deus”, jurava Tilioco. “Deus nos ajudou nesse título”, agradecia o lateral Nelsinho, o único presente em todas as cinco conquistas — como re-

Carlos Alberto Silva: “Foi meu título mais difícil”

## OS HERÓIS DE UMA DÉCADA EM TRÊS CORES

Os anos 80 estão definitivamente tingidos de vermelho, branco e preto. Uma feliz combinação de cores para a torcida que mais festejou títulos nesta década. Foram cinco, em sete decisões, sem contar o Campeo-

nato Brasileiro de 1986. Quase uma rotina não fosse o sempre novo e insuperável gostinho da conquista. E do prazer em vibrar com a passagem de tantos craques: Waldir Peres, Marinho Chagas, Dário Pereyra, Falcão,

Serginho, Pita, Silas, Careca, Müller. A força do coro continua a mesma para Raí, Nelsinho, Zé Teodoro, Bobô, Mário Tilico e todos os outros. Afinal, esses e os que foram já são a própria história do clube.



**1980** Os campeões numa final contra o Santos — em pé: Waldir Peres, Dário Pereyra, Oscar, Getúlio, Almir e Airton; agachados: Paulo César, Renato, Serginho, Heriberto e Zé Sérgio



**1981** Bi, contra a Ponte Preta — em pé: Waldir Peres, Getúlio, Almir, Dário Pereyra, Gassem e Marinho Chagas; agachados: Paulo César, Renato, Serginho, Heriberto e Mário Sérgio



**1985** Outra decisão, diante da Portuguesa — em pé: Márcio Araújo, Oscar, Gilmar, Falcão, Dário Pereyra, Nelsinho e Zé Teodoro; agachados: Müller, Silas, Careca e Sidnei



**1987** Novo título, frente ao Corinthians — em pé: Bernardo, Adilson, Gilmar, Dário Pereyra, Nelsinho e Zé Teodoro; agachados: Müller, Silas, Lê, Pita e Edivaldo

serva nas duas primeiras. Até a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi tirada de seu altar, no saguão do vestiário, e levada para dentro do espaço reservado aos jogadores ao final da partida. Era a hora da reza, comandada pelo próprio técnico, um católico fervoroso.

Como Deus só ajuda a quem cedo madruga, o tricolor trabalhou muito. O baiano Bobô, por

exemplo, passou o sábado inteiro e o domingo, até a saída para o Morumbi, trancado no apartamento 618 do hotel onde a equipe concentrava, fazendo um tratamento intensivo para desinflamar seu joelho contundido. O São Paulo levou ultra-som, ondas curtas, tênsys, laser, neofases, bolsas de gelo e toda a parafernália de fisioterapia capaz de recuperar a tempo o ídolo.

“Não fico de fora da final de jeito nenhum”, dizia. No esforço, voltou a sentir dores aos 28 minutos do primeiro tempo, depois de uma nova pancada, e foi substituído por Benê. Antes de descer para o vestiário, abraçou o goleiro Gilmar e deixou correr algumas lágrimas. “Ele não queria nem sair de maca”, dizia o médico Marco Aurélio Cunha, que antes do jogo recebeu o

cumprimento do amigo e ex-são-paulino Careca. A vontade de Bobô contagiou o time — em vez de abatê-lo. Nos minutos finais da partida, sua ansiedade era tanta que se colocou só de calção e chinelos na boca do túnel. “Não consegui nem tomar banho”, brincou. “Sou pé-quente e acredito que venci a má fase inicial”, finalizou aquele que se firmou como ídolo em fevereiro.▷



ORLANDO KISSNER

O São Paulo do ponta Edivaldo se cerca de todos os cuidados para vencer: concentração em hotel com diárias de 700 cruzados novos

com o título do Bahia na Copa União.

Como Bobô, os torcedores são-paulinos já se habituaram a essa agradável sina vencedora. Os quase 100 000 que tomaram o Morumbi no domingo mostraram por que freqüentam o estádio somente nos momentos decisivos. Sabem que na hora final o que prevalece é a força de um clube estruturado — certamente, o traço divisor e determinante da supremacia tricolor na década. Desde a segunda-feira da semana passada, ficou concentrado num dos melhores hotéis cinco estrelas da capital paulista, onde a diária de apartamento duplo é de 700 cruzados novos. Mesmo assim, aos jogadores cabe apenas a responsabilidade de fazer todo o possível



SILVIO PORTO

Recém-chegado da Itália, Careca abraça o médico Marco Aurélio

dentro de campo. Essa diferença fez o presidente Juvenal Juvêncio comentar, junto aos integrantes da comissão técnica, que “nós não queremos nada mais que os outros”. Mas conseguem muito mais, deixou de completar.

O exemplo mais acabado dessa disparidade foi a própria crise que se abateu sobre o surpreendente São José na semana decisiva. Em troca da classificação para as semifinais sobre o Corinthians, os cartolas prometeram um prêmio de 5 000 cruzados novos para cada jogador. Uma promessa não concretizada. “O clube ficou aplicando nosso dinheiro”, esbravejou o centroavante Tôni, artilheiro do campeonato ao lado de Toninho, da Portuguesa, com treze gols. Para

## CAMPANHA DO CAMPEÃO

### 1.º TURNO

19/fev/1989	São Paulo 3 x XV de Jau 1
23/fev/1989	XV de Piracicaba 1 x São Paulo 0
1.º/mar/1989	São Paulo 3 x Mogi-Mirim 0
4/mar/1989	Noroeste 1 x São Paulo 3
12/mar/1989	São Paulo 4 x América 1
22/mar/1989	União São João 0 x São Paulo 0 (2 x 4)
26/mar/1989	São Paulo 0 x Catanduvense 0 (4 x 2)
29/mar/1989	Novorizontino 0 x São Paulo 0 (8 x 7)
2/abr/1989	Inter 0 x São Paulo 0 (0 x 3)
5/abr/1989	Botafogo 0 x São Paulo 1
9/abr/1989	São Paulo 1 x Ferroviária 1

### 2.º TURNO

15/abr/1989	São José 0 x São Paulo 0 (3 x 5)
19/abr/1989	Juventus 0 x São Paulo 4
23/abr/1989	Portuguesa 1 x São Paulo 1
30/abr/1989	São Paulo 1 x Palmeiras 1
4/mai/1989	Bragantino 1 x São Paulo 0
7/mai/1989	São Paulo 0 x Corinthians 2
14/mai/1989	São Paulo 1 x Guarani 0
18/mai/1989	Santos 2 x São Paulo 1
21/mai/1989	São Paulo 3 x São Bento 0
27/mai/1989	São Paulo 1 x Santo André 0

### 3.ª FASE

3/jun/1989	São Paulo 1 x Guarani 1
8/jun/1989	Inter 1 x São Paulo 1
14/jun/1989	São Paulo 1 x Inter 0
17/jun/1989	Guarani 2 x São Paulo 3

### SEMIFINAL

21/jun/1989	Bragantino 0 x São Paulo 2
24/jun/1989	São Paulo 1 x Bragantino 0

### DECISÃO

28/jun/1989	São Paulo 1 x São José 0
2/jul/1989	São José 0 x São Paulo 0

## BALANÇO CONTRA OS RIVAIS DESDE 1980

### São Paulo x Palmeiras

11V	13E	8D	44GP	41GC
-----	-----	----	------	------

### São Paulo x Santos

21V	7E	4D	44GP	22GC
-----	----	----	------	------

### São Paulo x Corinthians

13V	13E	7D	37GP	33GC
-----	-----	----	------	------

completar, houve a briga do zagueiro Juninho com o técnico Ademir Mello, que mais tarde também se desentendeu com o lateral-direito Marquinhos. "Lutamos um campeonato todo e quando chega a hora de estarmos unidos começam as intrigas", lamenta o atacante.

"Acho que a responsabilidade pesou sobre nós nas finais", lamentou o quarto-zagueiro André Luís, autor do gol contra ao tentar cortar o cruzamento de Zé Teodoro na primeira partida, que transferiu a vantagem para os são-paulinos. "Pelo menos, o vice foi a coroação de nossa cam-

panha", valorizou. De fato. Mas bom mesmo é ser tricolor durante os anos 80. No confronto frente aos outros três grandes paulistas — Palmeiras, Corinthians e Santos —, o time é verdadeiramente insuperável (veja o quadro acima). O que justifica o enfado com ares de sarcasmo e ironia de seus torcedores ao comemorarem o título. Nesse ambiente de batalha vencida, o São Paulo faz jus ao que ensina seu hino: "Entre os grandes és o primeiro".

Reportagem: Édson Rossi, Kátia Perin, Mário Sérgio Venditti, Manoel Coelho e Maurício Peinado

# JUCA KFOURI

## OS TRICOLORS DOMINAM O PAÍS

Se PLACAR tivesse de escolher uma cor que marcasse o que foram essas quase 1 000 edições,



não poderia. Teria de escolher três cores. As do Grêmio, oito vezes campeão gaúcho, campeão do Brasil, da Libertadores, do mundo, entre 1970 e 1989. Ou as do Bahia, eterno campeão estadual, atual campeão nacional. Ou do Flu, também oito vezes campeão carioca no período, mais que Fla e Vasco. Ou as do São Paulo, duas vezes campeão brasileiro e, outra vez, oito vezes campeão paulista. Três vezes campeão estadual nos anos 70 e cinco nos anos 80, o tricolor paulista, dono do maior estádio particular do planeta, provou mais uma vez que a diferença entre ele e seus concorrentes no Estado está na direção do clube. Nesta década, então, as diversas administrações que passaram pelo Morumbi abriram uma considerável vantagem sobre os rivais. De Galvão a Juvêncio, passando pelo retrocesso Dalora e pela revolução de Aidar, o São Paulo se modernizou. Um clube tão feliz que tem até uma oposição respeitável, embora a situação tenha demonstrado, nas figuras de Juvenal Juvêncio, o presidente, e de Marcelo Portugal Gouvêa, o homem forte do futebol, que é deles o futuro.

Será que não dá para acrescentar uma corzinha na Seleção Verde-Amarela?

**NO PELOURINHO** — A Seleção está pagando todos os seus pecados na Bahia. E a um preço altíssimo.

A atitude de Sebastião Lazaroni ao não convocar inicialmente o baiano

Charles era irrepreensível. Enterrava a prática demagógica de convocar alguém só para fazer política de boa vizinhança com a sede dos jogos. Ao convocá-lo em seguida, porém, e dispensá-lo 24 horas depois, o gesto pareceu provocação. Se a reação foi desmedida, e foi — afinal, ninguém queimou a bandeira brasileira para protestar contra a inflação, a corrupção ou o assassinato de Chico Mendes —, as conseqüências de mais um desatino típico do estilo euriquiano tornaram inevitável o pedido de demissão do melhor diretor da CBF, exatamente o baiano Antônio Pithon.

Seu gesto não teve o caráter de mera solidariedade regional. "Eu não posso ser confundido com certas pessoas", reagiu Pithon, deixando claro que não é ao presidente Ricardo Teixeira que se refere.

Ocorre que, queira ou não, Teixeira passa a ser, cada dia mais, envolvido pela mediocridade de seus auxiliares, incapazes de administrar a confusão que criaram.

Se a gestão anterior da CBF deixou a pior das impressões, a atual, no que diz respeito à Seleção, não progrediu. E, pior, perde agora o homem que estava organizando a próxima Copa Brasil.

Assim, vamos mal. Não é possível que Teixeira seja um novo Sarney.

**MÁRIO TILICO**

# VIRADA TOTAL

*O ponta são-paulino sofreu com as críticas e arrancou para o sucesso nas finais do Paulistão com a mesma velocidade com que arrasa laterais*

O vestiário do Morumbi estava repleto de alegres são-paulinos no dia 14 de junho. Todos à espera do banho de Mário Tilico. Pouco antes, o ponta tinha sido o responsável pela vitória de 1 x 0 sobre a Internacional de Limeira, que deixou o São Paulo a um passo das semifinais do Paulistão. Com os ouvidos tapados pela espuma, o jogador não escutava as preocupadas perguntas de um grupo de conselheiros: "Ele vai jogar, doutor?", indagavam, com medo que as dores musculares o tirassem da decisiva partida contra o Guarani, em Campinas. A resposta veio de primeira: "Agora, vocês querem saber se Tilico está bem", disparou o médico Marco Aurélio Cunha, fiel escudeiro do elenco. "Antes, torciam para vê-lo longe do time."

A reação de Marco Aurélio tinha sentido. Assim que chegou ao clube, em setembro do ano passado, Mário de Oliveira Costa, 24 anos, sucumbiu diante do encargo de substituir o ex-ídolo Müller. Para completar, custara 140 milhões de cruzados — cerca de 620 000 cruzados novos —, à época a maior transação do futebol brasileiro. Muito para um atacante quase desconhecido, não aproveitado pelo Vasco e com passagens por CSA, Figueirense, América de São José do Rio Preto e Náutico.

A súbita notoriedade e o jeito recatado deste carioca de São Cristóvão quase o derrubaram. A responsabilidade e as críticas inibiam o futebol irrequieto e veloz do ponta são-paulino. "Eu aceito reclamações", jura. "Mas o que faziam eram ataques pessoais." Mesmo assim, Tilico não se rebelava. Foi preciso uma discussão com o goleiro Gilmar numa reunião depois da derrota de 2 x 1 para o Santos, no segundo turno, para que reagisse. "Você jogou a toalha", ouviu. "Vamos ver quem jogou a toa-

lha", respondeu aos gritos. Ou renascia, ou seria o fim.

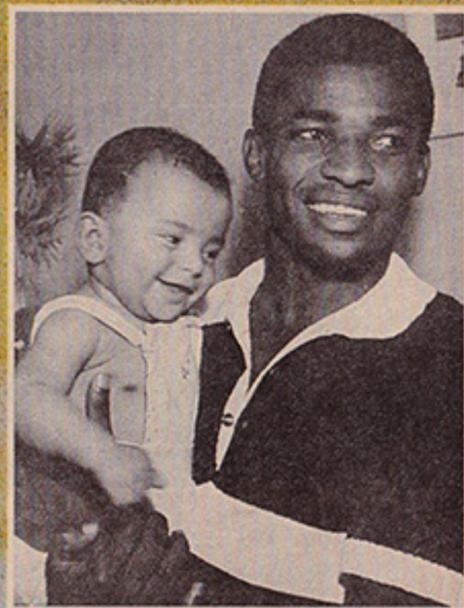
Sozinho com a mulher Mônica e o filho Ígor, de 1 ano, o ponta sentia na pele uma São Paulo mais fria do que imaginara. "Ele vivia gripado", lembra Mônica. "Era insegurança." Mas derrubar Mário Tilico era mais difícil do que acreditavam seus marcadores. Aos 6 anos, visitando as Laranjeiras, onde o pai — ex-ponta de Santa Cruz, Portuguesa, Vasco, Bangu e América do Rio, que lhe emprestou o apelido — tinha amigos, foi abordado por Pinheiro, um técnico em começo de carreira. "Eu quero jogar também", disse o garoto. "Quando você crescer, jogará em que posição?", perguntou o treinador. E o moleque respondeu: "Quando crescer, não. Eu já sou um pontadireita". Mais tarde, os dois trabalhariam juntos no Figueirense, de Santa Catarina.

"Eu sabia que minha hora chegaria", lembra Mariosinho, como é chamado em família. "Sempre confiei muito em mim." Tanto que tudo acontece sem esforço — ou previsão — na vida de Tilico. Costumava assistir aos treinos dos infantis do Vasco, em São Januário. Certa vez, entrou para completar o time e acabou ficando. "E ele era flamenguista fanático", revela a mãe, dona Walkíria, ex-jogadora de basquete do Botafogo, campeã carioca em 1960. "Aos 14 anos, tinha uma bandeira tão grande que mal podia carregar." O acaso marcou também o começo de namoro com Mônica: o carro dela ficou sem gasolina em frente à casa do ponta na noite de réveillon, em 1983.

Tilico é tranquilo, pacato. Frequentou colégios particulares, gostava de matemática, fez cursos de inglês, ganhou carro aos 18 anos. Só parou de estudar no segundo ano do segundo grau por causa da bola. Todo 27 de setembro, dia de São Cosme e São Da-

mião — seus santos protetores —, faz uma festa em São Cristóvão distribuindo doces e brinquedos para a criançada. Ainda hoje se diverte nas férias empinando pipas. "Fico louco da vida quando não tem vento", confessa.

Longe do bairro carioca onde cresceu, o ponta são-paulino gasta o tempo com passeios nos shopping centers ou na frente do vídeo. Com a pequena idade do filho, passou a frequentar assiduamente o consultório de um pediatra. Nessas horas, aquele que não pega um ônibus há seis anos descobre o que é dirigir no caótico trânsito de São Paulo. "Prefiro



Com o pai: apelido herdado



Cuidados com o filho no pediatra

ficar em casa e receber os amigos", admite.

Assim, sem muito barulho, Mário Tilico deu a volta por cima e disparou para o sucesso. Com a mesma rapidez de que se vale para enfileirar os adversários e marcar gols importantes, como o terceiro da vitória de 3 x 2 sobre o Guarani — acalmando os apreensivos conselheiros. Ou espíritos, como o primeiro das semifinais, em Bragança Paulista, totalmente sem ângulo. Uma virada que se confundiu com a própria trajetória tricolor: veloz e nos momentos decisivos.

Por **Edson Rossi**  
Colaborou **Gilmar Ferreira**



No Náutico: subito sucesso

## COM A PALAVRA, O ÍDOLO

### POLÍTICA

"Não gosto, não participo e não acompanho. Sei que deveria informar-me mais, mas não engulo tudo isso"

### ECONOMIA

"O que eu conheço da economia é a parte prática: os preços vão subindo e o salário da gente não acompanha"

### DROGAS

"Nunca me envolvi e sou contra o uso. Mas tenho amigos viciados e os trato como qualquer pessoa"

### AMOR

"Não acredito nessa história de amor à primeira vista. Amor, mesmo, só com o tempo"



**PLACAR**

**MÁRIO TILICO**

**SÃO PAULO**



**UM RAIÃO EM VERMELHO, PRETO E BRANCO**

EDU GARCIA

**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO**  
**JOÃO FARAH**  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**